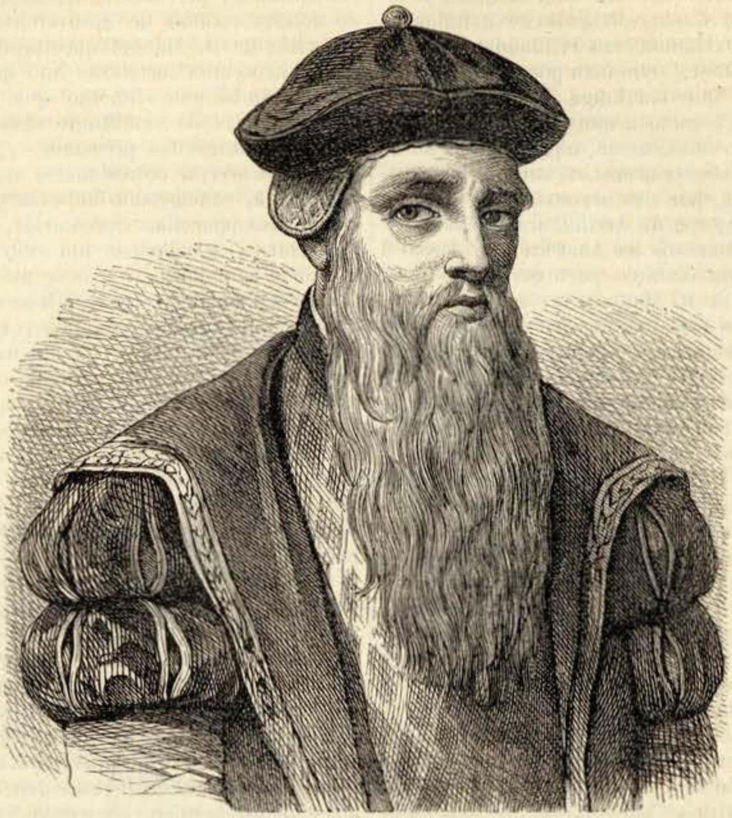


Affonso de Albuquerque

UMA PAGINA GLORIOSA DA HISTORIA DA INDIA

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

O seculo XV foi, como todos sabem, um seculo de germinação grandiosa; as convulsões em que muitas vezes o vemos debater-se presagiam os acontecimentos futuros, promettem a larga seara de descobrimentos e de conquistas de que o espirito e a actividade do homem se hão de nutrir mais tarde. Quem no meio das luctas que o agitaram, das contendas que o envolveram, das paixões que lhe fermentaram no seio, deitasse a vista pelos horisontes fóra, lá daria de certo ao cabo com os primeiros assomos de uma alvorada que tinha de espalhar pelo mundo inteiro o calor e a luz das suas scintillas beneficas. A fogueira de Savonarola illumina a tiara de Alexandre VI, mas tambem projecta os seus clarões sinistros sobre a tunica de Luthero. O seculo XV é um seculo de iniciação para a humanidade; é d'elle que corre a frouxo o sangue e a vida para as taças esplendidas da renascença. Na sua face ha a turbação dos lagos profundos; as ventanias desabridas enrugam-n'o, e o lodo revolve-se e sobrenada. Que importa? É do intimo, do escuro, do mysterio d'essas aguas, que veremos sair, não, como no mytho grego, a deusa da formosura sensual e terrena, mas o anjo da resurreição, o mystico serafim que entorna sobre os homens a sua cornucopia cheia de inspirações e de liberdade. Colombo dilata o mundo, e o Gama secunda-o; Guttenberg, Faust e Schœffer, essa admiravel trindade de innovadores, levantam o seu facho, e a terra sente-se entrada n'uma epocha desconhecida de rejuvenescimento e de grandeza. O velho continente cá tem os seus heroes; o occidente e o oriente tel-os-hão da mesma tempera. Na America erguer-se-ha o vulto terrivel de Cortez, na India levantar-se-ha a magestosa figura de Albuquerque. A historia dará a este ultimo o nome de *Grande*, e a posteridade conservar-lh'o-ha intacto. A tuba épica, embocada pelo cantor dos nossos feitos, quando imprimir em cada um d'elles o sêllo dos immortaes, buscará o canto mais sonoroso e canoro para entoar o louvor d'este guerreiro illustre. *Nunquam satis laudatus*, dirá a patria e o mundo, segundo a velha phrase de Plinio.

Foi, na verdade, assombroso aquelle nosso periodo de emprehendimentos e de triumphos; as nossas armadas cruzando os mares em busca de terras novas, as nossas bandeiras hasteando-se nas ameias das fortalezas vencidas, o nosso nome esculpindo-se nos muros de todas as praças tomadas, e depois na fronte de todos os reis tributarios; Veneza, deserta e esquecida, estendendo o olhar para o tope dos nossos galeões empavezados; a Europa toda, receosa e timida, contemplando em silencio a intrepidez dos nossos navegadores e a audacia dos nossos guerreiros. O infante D. Henrique, o filho do mestre de Aviz, é o primeiro a abrir esta serie ininterrupta de glorias e de abastanças, o primeiro que na solidão de um promontorio pensa em dilatar a fé e o imperio, engastando na coroa real as perolas que entrevê ao longe. D'ahi até D. Manuel as prosperidades caem sobre nós em chuvas copiosas; as nossas caravelas assustam os mares, e transformam em cabos de esperança o que eram cabos de tormenta; as desfortunas não sabem os nossos portos, os revezes não conhecem as nossas armas. Caminha-se e derruba-se, accommette-se e conquista-se, impõem-se leis e acceitam-n'as, exigem-se pareas

e pagam-n'as, vê-se e vence-se; cada soldado é um Cesar. Primeiro a Africa, depois a Asia; os régulos ajoelham aos pés dos grandes capitães; os embaixadores de potencias diversas solicitam a nossa bemquerença; Vasco da Gama, dirigindo-se a fallar ao Samorim, tem de exclamar, maravilhado pelos respeitos que lhe tributam: «que bem pouco se entendia então em Portugal, que tão longe de lá fizessem á nação tamanha honra como a que elle recebia.»

Tal era o poder do nosso nome, o prestigio da nossa fama, o temor das nossas armas, a auréola das nossas façanhas. A cruz, por nos arvorada sobre as muralhas rotas de Tanger e de Arzilla, irá tambem por nos levada abrir os braços na America, abrigando á sua sombra mais um dominio portuguez. Eis o esplendor do reinado de D. Manuel, rei a quem a Providencia destinou os mais opimos fructos, e a quem deu por cortejo os mais assignalados varões. Affonso de Albuquerque, pelo consenso de historiadores e chronistas, e pelo voto desassombrado dos seculos, é, de toda essa brilhante constellação de heroes, o maior e o mais bello astro.

Estabelecidos os negocios da India, entabolado o nosso commercio, firmado o nosso predominio, assegurada a nossa conquista, dilatadas as nossas feitorias, havia D. Manuel mandado pôr de verga d'alto uma poderosa armada de treze naus e seis caravelas, da qual fez capitão-mor D. Francisco de Almeida. Ia este para residir na India, primeiro como governador, devendo tomar depois o titulo de vice-rei, fundando fortalezas e construindo praças. Posto de assento o nosso governo n'aquellas partes, D. Francisco de Almeida, o verdadeiro Machabeo lusitano, como lhe chama o grande Macedo, continuou rendendo e destruindo, enchendo a Asia de assombro e a patria de riquezas e de glorias. Não é d'elle que nos cumpre agora memorar os feitos de armas, os extremos de galhardia, os arrojos impetuosos; citámol-o pela connexão em que o seu nome se acha com o de Albuquerque, e pelas intimas relações que prendem a historia de tamanhos homens. A epocha a que devemos remontar, buscando as primeiras linhas da physionomia de Albuquerque, é a da sua partida para Cochim (1503), com Francisco de Albuquerque, seu primo, e Antonio de Saldanha. Antes d'isso, as proezas que o sublimam são apenas preludios das que o esperam na Asia, embora podessem de per si cobrir a qualquer outro de loiros. A India deverá ser o seu pedestal, a sua fama, a sua apotheose, o seu monte Athos, onde elle, mais feliz que Alexandre, deixará talhado o seu vulto grandioso e eterno.

Em 1503, pois, a 6 de abril, segundo a opinião seguida, levantaram ferro as tres pequenas esquadras, e singraram para a India em soccorro do rei de Cochim, a quem por esse tempo o Samorim punha em aperto, tentando invadir-lhe o reino e d'elle empossar-se. Capitaneava a primeira esquadra, composta de tres navios como as outras duas, Antonio de Saldanha, com regimento de não passar além do golpho arabico, e de andar de guarda na boca do mar Roxo; as de Francisco e Affonso de Albuquerque eram destinadas para a India. A d'aquelle foi a primeira a aportar ao seu destino, indo surgir na ilha de Vaipim. Mal o rei soube do imprevisto soccorro, alegrou-se em extremo, e recebeu os portuguezes com o animo de quem via n'elles os seguros esteios do seu throno. Não foram vãs as esperanças; Albuquerque desbaratou de prompto e poz em fuga a guarnição que o Samorim deixára na ilha de Cochim, entrou nas duas ilhas visinhas, que eram dos caimaes rebeldes, destroçou-lhes as tropas, queimou-lhes os paços, talou-lhes os campos, destruiu uma armada de cincoenta paráos, fez correrias nas terras de Repelim, e, sempre victorioso, se recolheu a Cochim, em cuja cidade capital já o rei havia entrado, defendido pelas armas dos triumphadores. Tudo isto era de sobra para inclinar o rei em favor dos portuguezes. Francisco de Albuquerque, percebendo as disposições em que elle se achava, tratou de aproveitar-lh'as, propondo-lhe da parte de D. Manuel que lhe deixasse ordenar na sua cidade uma fortaleza. Não era o rei de Cochim de tão curto entendimento que não désse com as consequencias de similhante obra; rendiam-n'o, porém, as obrigações presentes, e talvez o justo receio de acarretar outros males ainda maiores. Cedeu á proposta, concorrendo até com gente sua, e ministrando os apparelhos necessarios. Delineada a planta da fortaleza, escolheu-se um sitio alto que dominava a cidade e o porto, e poz-se mão ao trabalho, supprindo a falta de pedra com troncos de palmeiras, levantando-se torres ou cavalleiros e abrindo n'elles baterias, cavando fossos, terraplenando interiormente, forjando, para fallarmos verdade, o primeiro elo d'essa cadeia com que haviamos de ferropear o mundo novo. Quatro dias depois de começada a obra chegou Affonso de Albuquerque, o qual, como trazia o mesmo regimento de Francisco, deu-se pressa em adiantar a obra, de cuja direcção tomou cargo, rematando-a em breve tempo, e fundando tambem uma egreja, a que se deu por orago S. Bartholomeu, dando-se á fortaleza o de S. Thiago. Terminado este negocio, proseguiram os Albuquerques na desaffronta do rei de Cochim; fizeram entradas no paiz inimigo, castigaram a rebeldia dos vassallos, devastaram o senhorio do caimal de Repelim e do de Cambalam, levantaram tal rumor com as suas armas, que os naires se aperceberam, e, caíndo em grosso sobre os portuguezes, os obrigaram por vezes a recolher-se aos bateis. N'estas correrias e pelejas Duarte Pacheco Pereira deu de si testimunho de atrevimento heroico, chegando a desbaratar trinta e quatro paráos de Calecut, que inquietavam o commercio de Cochim e cruzavam por aquella costa. O resultado foi que o Samorim propoz a paz, condicionando-lhe os nossos que elle viveria em bem com el-rei de Cochim, pagando 500 bahares de pimenta e alguns quintaes de outros generos, e não permittindo, em ultimo, que os moiros de Calecut commerciassem para o golpho arabico. Estipulada e assente a paz, Affonso de Albuquerque, que levava regimento de D. Manuel para tomar carga em Coulão, partiu, indo surgir n'esta cidade, ainda rica e populosa, onde creou uma feitoria, deixando n'ella o padre Rodrigues, religioso dominicano, a quem incumbiam outras conquistas ainda mais gloriosas. A paz com o Samorim não tinha de ser duradoira; uma violencia dos nossos, sanccionada por Francisco de Albuquerque, fez tornar de novo ás hostilidades. Cincoenta homens na fortaleza de S. Thiago, capitaneados por Duarte Pacheco, e duas ou tres caravelas, era tudo o que os Albuquerques haviam deixado para abroquelar o rei de Cochim. Esta partida inopinada dos dois generaes, em que não podêmos deixar de ver alguma sombra, procedeu da vontade de Francisco, que, como primeiro general, e altivo por natureza, procurava dominar seu primo, com quem andava discorde; parecendo, além d'isso, que Affonso tinha regimento de estar ás ordens d'aquelle no que respeitava á vinda. É isto o que se infere dos *Commentarios*, livro sincero, onde o amor da verdade emparelha com a modestia na relação dos factos. O caso é que a 16 de julho de 1504 Affonso de Albuquerque chegava a Lisboa, sendo recebido pelo rei com todas as demonstrações de agrado.

A historia dos seus heroismos havia sido encetada gloriosamente; no livro da Asia, já aberto, e em cujas folhas a sua espada tinha então imprimido um sêllo indelevel, havia elle de escrever em breve a epopéa dos seus feitos homericos. Seriam as Indias que fallariam por si e por elle, como o grande capi-

tão o certificava n'aquella carta que teremos de memorar ao diante: seriam as Indias que, como as muralhas do propheta, clamariam contra a injustiça do rei e contra a ingratidão dos povos. Affonso de Albuquerque, de toda a altura da sua magestade arrogante, do seu valor intrepido, da sua severa integridade, da sua pureza de caracter, cobre a patria com o esplendor que irradiá, e dá que as centelhas da sua espada façam a corôa luminosa de que se cinge a fronte do rei afortunado. Não anticipemos, todavia, os factos; sigamos a ordem em que elles se apresentam, e vejamos a estatura d'este grande conquistador.

(Continúa) E. A. VIDAL.

PORTO

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL PORTUGUEZA DE 1865

(Vid. pag. 137)

VIII

NAVE LATERAL DA PARTE DE OÉSTE

Esta nave é um vasto salão com $84^m,10$ de comprimento, $8^m,31$ de largura, e $14^m,32$ de altura. Recebe abundante luz pelo tecto, que é de fórma convexa e com o centro envidraçado em quasi todo o seu comprimento. Tecto e paredes são pintados de côres mui claras, que ainda o fazem mais alegre. De um lado communica-se com a nave central por varios arcos ou porticos; e do outro, por meio de portas, com diversas salas, duas das quaes são casas de pasto de primeira e segunda classe, e em outra, situada entre aquellas, servem-se doces e variedade de bebidas proprias de botequim.

Quem entrava n'esta nave lateral, saindo da sala da exposição dos productos das ilhas da Madeira e Açores, recebia agradavel impressão, produzida pela perspectiva geral da mesma nave; perspectiva mui vistosa e pittoresca pela disposição e grande variedade dos objectos expostos. Foi este o ponto de vista d'onde se tirou a photographia de que é copia a gravura que publicámos a pag. 137.

Logo no principio da nave achavam-se ainda varios productos da industria allemã, que a machina photographica não podia abranger, por lhe ficarem muito proximos uns, e outros na rectaguarda. Esta exposição occupava todo o começo do salão. N'ella figuravam, entre muitos outros objectos, tecidos de algodão, linho e lã, uma copiosa collecção de obra de tapeçaria e bordados, pannos de lã de cobrir mesas, bordados de retalhos com muita delicadeza e perfeição, feitos em Dresda na fabrica dos srs. *Prochasio & Stengel;* instrumentos de musica; quinquilharias e obras esculpidas em madeiras, como um palacio japonez, outro de cristal, para serem illuminados interiormente, casas suissas, etc; e porcelanas e lustres de cristal muito lindos.

A esta primeira e pequena divisão seguia-se outra ainda mais pequena, destinada para os productos da industria hespanhola.

Já dissemos em outro logar que a Hespanha apenas enviou á nossa exposição uma tenue amostra do seu desenvolvimento industrial. E, apesar d'isso, achavam-se os seus productos tão espalhados, tendo no circo os comprehendidos nas classes primeira, quarta e quinta; nas galerias de pintura, os quadros a oleo e photographias; na nave central, as porcelanas de Sevilha; n'outros logares, cinco pianos de Barcelona, um de cauda, outro obliquo, e tres verticaes; de sorte que poucos objectos lhe restaram para exhibir na divisão da nave lateral que lhe estava destinada. Os productos da sua industria, além dos mencionados, foram: instrumentos de musica, de Barcelona, fabricados pelos srs. *Vidal* e *Roger;* uma dentadura de cahutchú, obra do sr. *Antonio Garcia Llorente*, da Corunha; rendas de Barcelona, fabricadas pela sra. *Joaquina Battle;* e coletes e espartilhos, das officinas dos srs. *Goulliond frères*, de Barcelona.

Em seguida estavam algumas producções inglezas; dissemos algumas, porque tambem foi escasso o numero de objectos enviados pela Gran-Bretanha, e do mesmo modo se achavam collocados em differentes salas, segundo as classes a que pertenciam. D'entre aquellas producções as que mais avultavam eram: as porcelanas, cristaes, lampiões e lustres, das tres fabricas de *Henrique Green*, *Bamford* e *Frederico Sage*, todas de Londres: as porcelanas e faianças de Stafford, da fabrica *Hill Pottery Company limited;* as louças de diversas qualidades fabricadas em Londres por *Doulton & C.ª;* as faianças e louças de barro da fabrica *Hope & Carter*, de Stafford; e as garrafas e louça de faiança feitas na Escocia pela empreza *Clyde Bottle Company*.

Nas porcelanas, lustres e outros objectos de vidro que figuram no primeiro plano da nossa citada gravura, viam-se peças de excellente qualidade e aprimorado gosto, sendo notavelmente baratas as do serviço commum de casa.

Os srs. *E. E. Emanuel*, de Portsmouth, expozeram uma bonita collecção de obras de ourives da prata e de artefactos de cristal lapidado engastados em oiro e ornados com o mesmo metal.

Duas fabricas de Sheffield, dos srs. *Burys & C.ª*, e *John Keniou & C.ª*, apresentaram uma grande quantidade de ferramentas e cutelarias de muita perfeição e mui bem dispostas. Principalmente a collecção exhibida pelos segundos fabricantes era digna de particular attenção. Compunha-se de diversidade de ferramentas para carpinteiro, torneiro, fabricantes de carruagens e outros officios, e de aço de differentes qualidades. A fabrica dos srs. *F. Park & C.ª*, de Birmingham, expoz cutelaria, pás, enxadas e forcados; e a do sr. *M. A. Soares*, de Londres, ferragens e cutelaria.

Continha mais a exposição ingleza: candieiros de gaz; lampadas e candelabros; artefactos de cahutchú; escovas de cabello e de outras materias; philtros de patente para agua; obra de cabello, de phantasia; paizagens entalhadas em cortiça; variedade de calçado; roupa á prova de agua (tecidos impermeaveis), e tubos de gutta-percha; tecidos de algodão, de linho e de lã; tapeçarias; livros em branco e pautados, cofres de segurança, prensas para copiar e outros objectos de escriptorio; um mappa geologico das ilhas britannicas; musica didactica por um systema novo; instrumentos de musica; relogios e chronometros nauticos; instrumentos topographicos, e de agrimensura, de optica e de mathematica; espingardas e reffes que se carregam pela culatra; modelos e desenhos de navios de ferro, e apparelhos nauticos. Os moveis de industria britannica, entre os quaes se viam alguns muito notaveis por sua belleza e riqueza, e outros por sua singela elegancia, estavam em a nave central, bem como diversidade de obras de selleiro feitas com singular perfeição.

Achava-se alli egualmente uma collecção muito interessante de productos da arte ceramica, tambem de industria ingleza. O que mais n'ella sobrelevava, pela novidade do producto, pela graça dos desenhos, e pelo bello effeito que devem apresentar em obra, eram os ladrilhos de côres vivas e finas, imitando mosaico, e que servem para revestir paredes, cobrir pavimentos de vestibulos ou pateos interiores, salas, terrados, varandas, e ainda para outros misteres de ornamentação. O pavimento das varandas ou galerias exteriores do palacio de cristal é formado d'estes ladrilhos, que assim offerecem a vista de bonitas alcatifas. Folgariamos de ver introduzido no paiz o uso d'estes ladri-

lhos, tanto pelo realce que dão aos edificios, como pela possibilidade de que os nossos industriaes se applicassem a esse ramo interessantissimo da arte ceramica.

Após a Gran-Bretanha tornava a figurar a Italia, pois que já dissemos como ella ostentára os seus primores artisticos em a nave central, nas suas galerias e no salão de pintura portugueza. Não obstante ser limitado o numero geral de productos que enviou á exposição do Porto, e apesar de tão espalhados, ainda se admiravam em a nave lateral várias obras de arte de subido merecimento. Poremos na frente do catalogo duas formosas estatuas esculpidas em marmore de Carrara pelo eximio estatuario de Milão, o sr. *Silverio Martinoli*. Uma representava *Judith* no momento de arrancar da espada para cortar a cabeça de Holophernes; a outra a *Oração*. A primeira, cujo rosto, em perfeita harmonia com a posição do corpo, revela bem ao vivo um supremo esforço de coragem e energia, foi comprada por el-rei o sr. D. Luiz I, e adorna presentemente uma das salas do real paço da Ajuda. A segunda, figurando uma mulher de joelhos e com as mãos postas, orando fervorosamente, é notavel pela expressão religiosa que se lhe descobre no semblante, sem embargo do véo com que está velado.

Do lado opposto ás estatuas attrahia a attenção uma chaminé, ou fogão, como hoje lhe chamam. É uma grande e magnifica peça, tambem de marmore de Carrara, toda lavrada em figuras, flores e outros relêvos de graciosa invenção e habilmente executados. O auctor d'esta bella obra de arte tinha occultado o seu nome sob o modesto titulo de *anonymo*.

Sobre esta chaminé achavam-se collocados symetricamente tres bustos da mesma qualidade de pedra e de excellente esculptura. Representavam, se a memoria nos não falha, uma *vestal* com o rosto velado, a *modestia* e um *mendigo*. Foram executados pelo sr. *Santardini*, de Milão.

Além d'estas obras estavam na dita nave mais dois bustos de marmore, e duas grandes jarras de alabastrite agathoide, e outras duas de differentes pedras de esbelta fórma e com delicados lavores, tudo egualmente producção de arte italiana, sendo as quatro jarras obra de *Ferdinando Guerriere*, de Volterra, na Toscana.

Da mesma procedencia se via alli uma collecção mui copiosa, variada e rica de enfeites de coral para senhoras. Compunha-se de 42 objectos, pulseiras, alfinetes de peito ou broches, brincos, diademas e outros adereços de infinita delicadeza. Foram expostos pelos srs. *Giovan Ascione* & *Fratelli*, pescadores e lapidarios de coral na Torre do Grego, junto de Napoles.

O sr. *Camillo Vinatieri*, fabricante de instrumentos de musica estabelecido em Turim, apresentou na exposição uma flauta de 12 chaves, e varios clarinetes do systema veneziano e francez, tendo 13, 14 e 15 chaves; e o sr. *Lourenço Manzoni*, de Milão, expoz rebecas modificadas segundo o seu systema; e verniz e composição para rejuvenescer a madeira velha, com applicação especial aos instrumentos musicos de cordas e arco.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

PORTO ARTIFICIAL EM PONTA DELGADA

A construcção de uma doka no porto da mais commercial e opulenta cidade dos Açores era desde muitos seculos a principal aspiração dos michaelenses.

Em principios do seculo XVI se iniciou similhante pensamento, não podendo desvanecel-o muitas tentativas mallogradas durante um periodo de trezentos annos!

Da confiança com que se porfiava no intento e dos sacrificios a que este povo se offereceu em todas as epochas para a realisação da grande empreza, resultou a lei de 9 de agosto de 1860 que a auctorisou, creando tambem os meios para ella se levar a effeito.

Consistem elles em dez por cento dos rendimentos das alfandegas do districto; 200 réis de cada caixa de laranja exportada das ilhas de S. Miguel e Santa Maria; e um e meio por cento *ad valorem* sobre todos os mais generos exportados e importados pelas alfandegas das duas referidas ilhas.

Principiou a cobrança d'estes impostos no anno economico de 1860 a 1861, produzindo até 30 de junho de 1865 a quantia de 335:325$819 réis.

Sobre a garantia d'este rendimento, que dá o termo médio de 66:665$163 réis, se contrataram dois emprestimos com o banco União, do Porto, sendo o primeiro de 200:000$000 réis e o segundo de 400:000$000 réis.

Com estas sommas, e com a parte dos impostos não absorvidos pelo pagamento de juros e amortisação dos referidos emprestimos, se tem feito face á despeza dos trabalhos, a qual, no fim do ultimo anno economico, montava á quantia de 673:115$294 réis, incluindo 56:418$750 réis fracos por amortisação do primeiro emprestimo.

Esta despeza designava-se do seguinte modo: preparatoria, 345:880$261 réis; extraordinaria, 20:426$897 réis; permanente, 206:808$136 réis.

A despeza total até á data acima referida foi de 768:747$519 réis.

Teve logar a solemne inauguração dos trabalhos em 30 de setembro de 1861, entre as mais festivas demonstrações do povo, mas só começaram definitivamente em principio de 1862.

O plano approvado foi o do engenheiro inglez Tucker, mas alterou-o em parte sir John Rennie, com quem se contratou a direcção technica. Pelo plano de Tucker, principiava a muralha no areial de S. Francisco, junto ao castello de S. Braz, sendo no centro d'ella a entrada para o porto; pelas modificações de Rennie, approvadas pelo governo, começa o quebramar na extremidade léste do cêrco dos Frades, sendo a entrada ao lado, em frente da fortaleza de S. Pedro. Esta modificação torna a doka mais espaçosa, mais abrigada e accessivel, e diz-se que muito menos dispendiosa.

Medirá o porto 15 hectares, com o maximo de fundo de $19^{m},70$ na altura do lanço 107 da plataforma. Esta, pelo plano que se está executando, terá de extensão 134 a 136 lanços, sendo a de cada um de $7^{m},60$, com largura que comporta cinco vias ferreas que tem assentes, além do talude correspondente.

Estão promptos 56 lanços. Em 22 de dezembro estavam na agua 59; porém o extraordinario mar d'aquelle dia desmantelou 20, e na reconstrucção d'elles se tem trabalhado até hoje. Este prejuizo calculou-se em perto de 10:000$700 réis; porém, para consolidar-se, como ficou, pelo revolvimento de enormes massas de pedra, aquella extensão de muralha, parece que pouco menos se gastaria, sendo para isso necessario esperar durante alguns annos a acção ordinaria das ondas. Nas obras hydraulicas d'esta natureza conta-se em muito com o trabalho do mar.

A parte construida fórma já uma boa bacia, aonde se podem abrigar do vento sul, o mais perigoso n'este porto, navios de grande lote, e por vezes alli tem estado ao mesmo tempo numero maior do que mostra a estampa, que é cópia exacta da perspectiva que se goza do caes da alfandega, desenhada pelo intelligente e habil artista d'esta cidade, o sr. Joaquim Candido Abranches.

N'uma terra de grandes recursos naturaes, como a ilha de S. Miguel, que só pela via maritima alimenta

o seu commercio, é facil avaliar como se alliará ao seu futuro engrandecimento a conclusão de uma obra aonde a navegação possa encontrar porto seguro a meia estrada entre o velho e o novo mundo.

De bastante utilidade lhe tem sido já, não só o abrigo que offerece, como os recursos que se encontram nas suas officinas. Sem elles, alguns vapores e outros navios, que alli tem achado facilidade em reparar grossas avarias, teriam tido a má sorte de se despedaçar sobre escarceos, sacrificando bastantes vidas e reduzindo a nada considerabilissimos valores. O vapor inglez *Ephesus* está no ancoradoiro a concertar tubos e machina, unico fim por que demandou o porto, prevenido da promptidão, barateza e segurança com que aqui se tem apromptado trabalhos similhantes; e em maior numero affluirão os navios para fazerem concertos quando se generalisar mais o conhecimento d'estes recursos.

A administração economica das obras tem sido confiada a uma junta presidida pelo sr. governador civil, e até hoje composta pelos seguintes cavalheiros: José Jacome Corrêa, Ernesto do Canto, Clemente Joaquim da Costa, Nicolau Antonio Borges de Bettencourt, Francisco Machado de Faria e Maia, e José Maria Raposo do Amaral, sendo secretario o sr. José Ben-Saude, moço de não vulgar talento e intelligencia, e de uma actividade inexcedivel. A este é principalmente devido o systema de escripturação, com tanta ordem, minucioso e claro, como se não encontrará n'alguma outra repartição, e pelo qual se dá conta promptamente do mais insignificante dispendio em sommas importantissimas, como as que se acham envolvidas n'estes complicados trabalhos.

Foi orçada a despeza da doka em 600:000$000 réis fortes, porém muito maior quantia se acha consumida já, apesar do zélo economico observado pela junta administrativa, sendo provavel que pouco menos do que o triplo do orçamento seja necessario para se levar a cabo o ousado commettimento.

Entretanto, não é pela despeza até hoje feita que



Porto artificial em Ponta Delgada

se deve avaliar a que resta para fazer, porque mais de metade d'aquella se envolveu em despeza preparatoria — machinas, officinas, utensilios, construcção de officinas, aterros, muralhas, etc.

Parece-nos dever terminar esta noticia com algumas linhas tiradas do relatorio que sobre a administração d'este districto, no anno economico de 1864 e 1865, dirigiu ao governo a primeira auctoridade administrativa, pelas quaes se vê que nem por se prolongarem os trabalhos muito além do tempo calculado, nem por se figurar o dispendio d'elles o triplo do que se orçára, desanimam os michaelenses de verem concluida a grande empreza a que metteram hombros.

O estado é que os tem ajudado pouquissimo, pois a decima parte do rendimento das alfandegas, com que apenas contribue para obra que exige tão avultados capitaes, não excede a 15:000$000 réis fracos por anno; e provavelmente em paiz algum emprezas d'esta ordem e de tanto interesse publico serão tão pouco auxiliadas pelos poderes governativos; mas é de esperar que o nosso parlamento tome ainda alguma resolução pela qual o estado acceite parte maior nos encargos, que tem pesado quasi exclusivamente sobre os habitantes do districto de Ponta Delgada.

O trecho do relatorio acima referido é como se segue:

«Ha pouco mais de quatro annos que se inaugurou o porto artificial em construcção n'esta cidade.

«Objecto de fanatismo para muitos, de descrença para bem poucos, era uma obra colossal cujo commettimento seculos amadureceram, era o sonho doirado dos michaelenses.

«Os fanaticos viam a obra facil de mais; os descrentes consideravam-n'a impossivel: enganaram-se ambos!

«N'este jogo de opiniões ganhou a grande maioria, que cria na execução da obra, mas não no tempo que se lhe marcou para seu complemento, nem tão pouco no orçamento da despeza que se calculou.

«Todos, porém, eram de opinião que, embora a obra durasse o duplo do tempo, custasse o triplo do seu orçamento, pagaria todos os sacrificios.

«O tempo veiu confirmar estas verdades; até 30 de junho ultimo havia-se dispendido uma somma quasi egual ao seu orçamento, e a obra estaria na sua terça parte.

«Inspira, comtudo, toda a confiança, e, concluida, ahi fica um monumento que honra a civilisação e o progresso da epocha, um seguro abrigo no meio do Oceano.

. . . .

«Ninguem ignora que os trabalhos preliminares de uma obra d'esta ordem são os mais difficeis e custosos, maximè n'uma terra sem recursos, e onde trabalhos taes eram completamente desconhecidos.

«Hoje, porém, que temos a grande lição de uma

bem aturada experiencia; quasi todos os meios de obter, de prompto e mais baratos, os objectos indispensaveis para o progresso da obra, como guindastes, wagons e muitos outros; que temos dispensado muitos estrangeiros; que temos uma grande exploração de pedreiras, e um grande deposito de materiaes, ha de esta obra forçosamente ter um notavel e muito menos dispendioso impulso.»

Ponta Delgada, 26 de abril de 1866.

F. M. Supico.

O PRIMEIRO AMOR DE UM REI

(Vid. pag. 158)

VII

AVISO DO CEO

O cardeal de Hespanha entrou com serenidade na camara do infante. O seu rosto infundia respeito e affecto ao mesmo tempo, e ainda que os nobres que cercavam o infante tratassem de tornal-o odioso a seus olhos, não podiam conseguir que deixasse sentir para com Cisneros profundissima veneração.

— Queira vossa alteza perdoar-me, disse o cardeal, vir tão cedo incommodal-o e prender a attenção de vossa alteza com os enfadonhos assumptos do governo do reino; mas, em quanto dormem os seus subditos, vele por elles o rei, que é seu pae e guia; e eu, senhor, como sabe, sou rei por ordem do soberano catholico, avô de vossa alteza, que Deus haja em sua gloria, e necessito vigiar pela tranquillidade do povo que me confiaram, e entregal-o ainda melhor do que o recebi ao principe D. Carlos, quando seja servido vir pedir-m'o; e como vossa alteza póde contribuir para que eu experimente a alegria de ver realisadas as minhas esperanças, ou, antes, livrar-me do desgosto de ter que reprimir transtornos e perturbações da ordem publica, avisarei a vossa alteza do perigo que haveria em promover luctas estereis no paiz, do resultado que obteriam taes luctas, e das energicas providencias que seria obrigado a tomar, e em qualquer circunstancia o governo tomaria, para conter o que, contra a paz e a tranquillidade do reino, attentassem a intriga e a ambição.

— Póde fallar, sr. cardeal, acudiu o infante; ouvil-o-hei com a maior attenção.

— A nobreza do reino não gosta do meu governo, porque, desejando realisar o santo e liberal pensamento dos reis catholicos, divergi dos senhores poderosos, oppondo ás suas forças parciaes as da nação, os exercitos permanentes, que são á minha maior gloria; não gosta de pagar o direito de lanças, e muito mais de não intervir directamente nos negocios do estado. Por outro lado, a ambição dos flamengos que vieram com o pae de vossa alteza, o sr. rei Filippe, de saudosa memoria, irrita-os; sabem que o principe D. Carlos não vê, nem ouve, nem attende senão o que vê, ouve e attende o senhor de Chièvres, que nos enviou o deão de Lovaina; conhecem que com a sua vinda serão dominados por elle, e querem estorvar que se cumpra, como é lei e consciencia, o testamento do augusto avô de vossa alteza. Para lograr taes intentos, conspiram quanto podem, colligam-se os maiores inimigos para se prestarem mutuo auxilio, e julgam, senhor, que, apoiando as suas pretenções e ousadias em uma causa, ao que parece legitima, conseguirão ganhar as sympathias da plebe e a sua cooperação, que não deixará, porventura, de ser valiosa.

«Encontraram, por isso, em vossa alteza um instrumento. Apresentam como injustiça commettida contra a dignidade de vossa alteza a ultima disposição testamentaria do monarcha, tomam-n'o como chefe da conspiração, e o incitam a reclamar contra os actos do meu governo, e a luctar contra o principe D. Carlos, irmão de vossa alteza, porque sabem que vossa alteza é ainda muito moço, que dá agora os primeiros passos no mundo, que não conhece o estado dos negocios publicos, que pelo seu caracter não se arraigará nunca no coração de vossa alteza o amor para com a governação do reino, e procuram lisongear a vossa alteza para lhe captar a benevolencia, para dominar-lhe a vontade, e proceder assim de accordo com os seus desejos, accendendo a guerra interior, sempre temivel e encarniçada, que aniquila a patria como seria aniquilada a mãe cujos filhos podessem luctar dentro das proprias entranhas.

«Os nobres que cercam vossa alteza, os seus criados, todos, em fim, conspiram n'este palacio contra o reino e contra a pessoa de vossa alteza. Hontem esteve fóra do palacio o dia inteiro; á noite, contra o costume, saíu vossa alteza, por volta das Ave-Marias, acompanhado do seu pagem Ramiro, e só regressou á meia noite... o vulgo vê tudo, e os meus olhos, que se não cerram, nada deixam passar despercebido. Pense vossa alteza que se der ouvidos aos que o aconselham para a ruina, e se se deixar caír nos laços que a cada passo são armados pela astucia dos homens avezados á intriga, porá a nação em conflicto, e eu serei forçado pelo meu dever a reprimil-o violentamente.

«Seja docil e bom como tem sido sempre; lembre-se de que o principe D. Carlos é rei pela disposição expressa de seu augusto avô; recorde-se de que o sangue do principe é o de vossa alteza; e reflicta que ao tratarem de oppor-se á sua dominação não só incitará disturbios na Hespanha, mas tambem a Allemanha inteira se voltará contra a nossa patria e cairá sobre vossa alteza como o falcão sobre a pomba, porque o principe D. Carlos póde realisar o sonho ambicioso de seu avô paterno, o imperador Maximiliano; e, se vossa alteza o conhecesse como eu, saberia que um homem da sua tempera não renuncia facilmente uma idéa que por tanto tempo lhe encheu de alegria o coração.

«Avisei a vossa alteza... observe agora cuidadosamente as pessoas que o cercam, receba com prevenção as suas lisonjas... não se deixe encantar vossa alteza com as fingidas demonstrações de affecto; o futuro de vossa alteza e o da patria que o viu nascer estão em risco, e só a nobreza da alma e a rectidão de sentimentos poderão salval-o e salval-a.»

O cardeal, acabando esta especie de discurso, lançou um olhar perspicaz ao infante, que baixou os olhos envergonhado, pois comprehendia, depois de ter ouvido o illustre prelado e de pensar em que fôra por alguns instantes demasiado fraco para acceitar as idéas que pretendiam suggerir-lhe parciaes mentores; comprehendia, repetimos, que não fôra completamente leal, e então achava-se disposto a cumprir os deveres que lhe impunha a consciencia.

— Agradeço-lhe, sr. cardeal, disse a Cisneros, agradeço-lhe ter-me lembrado que a honra consiste em sermos obedientes a quem devemos ser. Não esquecerei o seu aviso.

O cardeal saíu da camara do infante satisfeito por ter conjurado, segundo se lhe afigurava, os transtornos que ameaçavam Castella, e o mancebo ficou só victima das encontradas idéas com que os successos tinham povoado a sua imaginação de quinze annos.

No meio d'aquelle cháos não se esquecia, comtudo, de Anna. Era ella tão formosa! E, ao mesmo tempo, a mulher era uma commoção tão nova e tão suave para o seu juvenil e apaixonado coração!

Pensando na feiticeira, não se deixou dominar pelas tristes idéas que o cardeal lhe inspirava, mas dentro em pouco veiu perturbal-o no delicioso sonho Gonçalo Nunez de Gusmão, seu preceptor.

Como dissemos, este fidalgo, illudido em suas convicções, porém incapaz de dirigir ou auxiliar uma intriga, desejava que D. Fernando fosse acclamado rei de Castella, só por odio aos flamengos, porque os víra chegar a Hespanha ostentando as suas ambições, e porque fôra testimunha dos seus abusos.

Gusmão soube apagar na alma impressionavel de D. Fernando o effeito produzido pelo discurso do cardeal, e combater os meios de que se valiam para o illudir os que, como elle, não desejavam o bem da patria, senão o seu proprio bem.

— Afaste-se vossa alteza de mim um instante, disse-lhe o preceptor; retire-me a sua confiança; não se lembre de que lhe dirigi os primeiros passos na vida; solte-se-me dos carinhosos braços e lance-se esperançado nos dos que só trabalham para que vossa alteza triumphe, a fim de receberem os beneficios que d'ahi possa resultar-lhes.

Esta advertencia, ainda que se lhe dirigisse com a devida circumspecção, exasperou o infante.

— Pois bem, disse elle a Nunez; não deixarei a sua amizade, e farei o que quizer; mas deixe-me em paz, não me falle mais de throno nem de triumphos, porque desejo viver tranquillamente. Proceda como lhe pareça melhor no interesse da patria, eu approvarei o que quizer, porque não ha de ser injusto; e comtanto que ninguem torne a proferir ao meu lado phrases que são eterno pesadêlo para mim. Desde já será v. , Gonçalo, a minha cabeça, pense em meu logar, e eu serei só executor de seus pensamentos. Deixe-me viver unicamente do coração. A politica é para os que se dão bem com ella. Para mim, não.

Gonçalo Nunez de Gusmão comprehendeu, ouvindo estas palavras, que o infante tinha razão, e que lhe atormentavam a alma arrebatando-o ás primeiras sensações da mocidade, e, tanto para ser-lhe agradavel como para salval-o, acceitou a indicação de sua alteza. Quando Gonçalo Nunez saiu, o infante, seriamente contrariado, chamou para logo o pagem Ramiro, porque necessitava fallar de Anna, e só elle, que era o seu confidente e a conhecia, podia satisfazer-lhe os desejos.

Estava namorado da feiticeira; mas namorado com a força, com o enthusiasmo e o fogo da primeira paixão de uma alma ardente como a de sua mãe, pois todos sabem até que ponto chegou o excessivo affecto que a rainha Joanna dedicava ao esposo.

Ao toque das Ave-Marias o infante D. Fernando tornou a sair com Ramiro, dirigindo-se á habitação de Anna.

Não estava em casa. Saíra.

Esta contrariedade inesperada foi um novo incitamento para o desejo do mancebo.

— Não me esperava! disse para comsigo; talvez outro... mais feliz...

A paixão exacerbou-se-lhe com tal pensamento. Teve ciumes terriveis, d'aquelles que não podem desafogar-se porque não tem nenhum direito sobre a pessoa que os origina.

No dia seguinte não quiz vêl-a.

— Esperar-me-ha esta noite, raciocinou, e padecerá o que eu tenho padecido. Esta idéa é uma compensação.

O pobre e inexperiente mancebo julgava pelo seu coração o da mulher que o enfeitiçára, e esta mulher, é preciso dizel-o, era uma das infelizes que o mundo acha promptas sempre para as comedias em que se trata de enredar a innocencia e atiral-a para o abysmo, e que os intrigantes da côrte tinham achado preparada, mediante avultada remuneração, para illudir o infante.

Se D. Fernando, com a sua alma purissima, podesse adivinhar que aquelle rosto angelical, aquella formosura singular, occultava um coração de gêlo, fugiria de Anna horrorisado, e, se não tivesse onde abrigar-se, Deus sabe o que faria em um momento de desesperação; mas a sua inexperiencia e os seus desejos vendavam-lhe os olhos, e só viu em Anna um ente sobrenatural que lhe enlevára a alma, que lhe occupára a imaginação, e soubera fazer pulsar-lhe o coração, dando-lhe uma felicidade que lhe fôra até então inteiramente desconhecida.

Gonçalo Nunez de Gusmão, no entretanto, despedia o pagem do infante, pois, embora não soubesse com certeza o que elle fazia para perder o augusto amo, suspeitava que mantinha relações secretas com seus sobrinhos, os filhos de Ramiro Nunez, e lhes obedecia em tudo e por tudo; e não duvidava de que eram capazes, uns e outros, para conseguir os fins, de promover uma perturbação geral no reino. Mas ainda que o preceptor de sua alteza sustentasse com seriedade e energia que era mister despedir o pagem do serviço, D. Fernando teimou em que não prescindia d'elle, e houve que fazer-lhe esta concessão para que opportunamente transigisse em assumptos de maior importancia.

Na primeira conferencia que D. Fernando tornou a ter com Anna acabou de inebriar-se, por assim dizer, e não tardou em pedir-lhe que mudasse de habitação e que vivesse unicamente para elle.

Um mez depois, o infante não podia viver sem ella, porque lhe despertára as paixões e lh'as satisfizera. Anna era para D. Fernando um novo mundo, e só n'elle queria viver, porque n'elle só encontrava a felicidade sem limites, da qual não podia separar-se. Se Anna lhe tivesse pedido a vida, não lh'a negaria por certo.

Anna, é preciso tambem confessal-o, era uma desgraçada mulher que exhaurira os gozos materiaes antes de experimentar os purissimos gozos da alma. E para os que a haviam agora interposto na intriga, era simples machina. Mandavam e ella obedecia. Só tinha em vista a recompensa, que seria tanto mais avultada quanto melhor e mais satisfactorio fosse o resultado.

Mas a infeliz não contava que tinha coração, que este pulsava como outro qualquer, e que o regelamento da alma não era completo.

Desde todo o principio se compadeceu do triumpho. O infante era a seus olhos um anjo que devia converter em homem. A affeição ao anjo foi, porém, sendo cada vez mais profunda, e na sua ingenua linguagem encontrava de dia para dia maior encanto. Se quizesse entregar-se inteiramente aos preceitos dos nobres, desappareceria aquelle encanto. Recuou, pois. Recuou para gozar.

Quem póde brincar impunemente com o fogo? Quando Anna pensou que ia dominar o infante achava-se dominada. Entrára em regiões desconhecidas. E amava por primeira vez.

Desde então adorou o amante e desprezou o vil encargo que lhe haviam confiado. O preço da intriga era já para ella uma vergonha... Deixou tudo para se entregar a vida diversa da que tivera até o momento de amar o infante, occultou-se aos olhos de todos, horrorisou-se do passado, e daria quanto lhe pedissem para se apresentar sem mácula no mundo.

Os nobres, que a escolheram para instrumento de seus ambiciosos planos, renunciaram a sua influencia, procuraram outro caminho para conseguir os fins, e, em vez de perseguir Anna, protegeram-n'a, porque entretinha D. Fernando, e lhes permittia continuar a obra de destruição politica, pensando que o infante, preoccupado com a sua paixão, approvaria tudo quanto fizessem em nome d'elle.

Os dois amantes passaram, pois, alguns mezes tranquillamente. As horas corriam felizes e velozes. A natureza parecia tambem comprazer-se em não perturbar as alegrias d'aquelle amor.

Em certo dia Anna desappareceu de subito. D. Fernando procurou-a baldadamente. Ninguem sabia para onde fôra.

O primeiro instante de dor foi terrivel para o mancebo. Á dor succedeu profunda melancolia.

O cardeal de Hespanha disse-lhe:

— Respeite vossa alteza os designios da Providencia, e esqueça-se d'essa mulher a quem deu as primicias do seu amor.

O infante quiz saber onde Anna estava. O cardeal não soube responder.

O leitor conheceu-a no começo d'este romance.

Anna era a mulher andrajosa que, com uma menina de poucos mezes nos braços, implorou a caridade de Carlos V, quando o novo soberano saía de Midelbourgo para embarcar e dirigir-se a Hespanha.

Uns mascarados, penetrando na casa de Anna, apoderaram-se d'ella, e, vendando-lhe os olhos, lançaram-n'a n'um carcere da inquisição. D'alli a pouco tempo tiraram-n'a, tambem com os olhos vendados, e a conduziram a um porto da Galliza, embarcando-a alli com ordem de não voltar á Hespanha, sob pena de ser sepultada eternamente n'um carcere da inquisição.

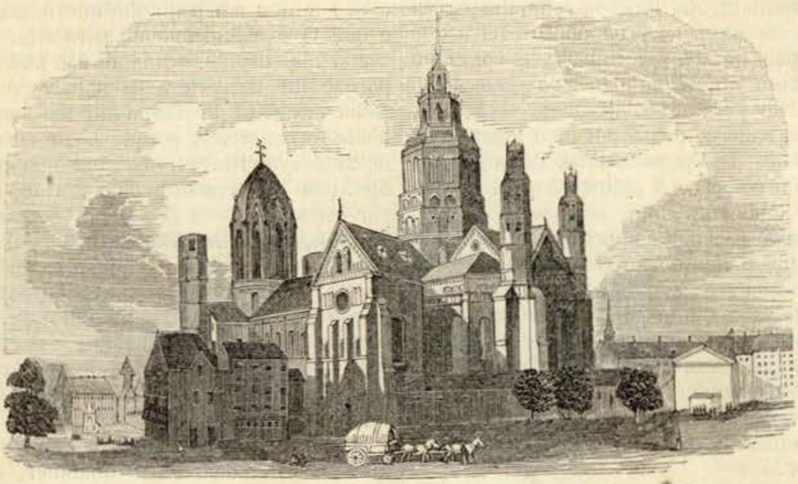
Anna desembarcou em um porto da Zelandia. Deu alli á luz uma menina, e na maior miseria continuou o caminho sem saber o destino que levava.

Aquella menina era o fructo de um amor recente. O infante sabia-o. Mas ella não podia descobrir a ninguem tal mysterio, porque lhe estava em risco a cabeça, e necessitava viver para sua filha e para o pae de sua filha, a quem desejava tornar a ver.

Voltemos agora ao ponto em que o futuro imperador Carlos V, depois da espantosa tempestade que descrevemos, desembarcou em Tazones, e deu os primeiros passos nos seus dominios hespanhoes no meio das acclamações enthusiasticas das pessoas que o acompanhavam, entre as quaes vinham por primeira vez á Hespanha alguns arcabuzeiros de Borgonha, affectuosamente dedicados ao seu soberano e inteiramente decididos a luctar por elle até perderem a vida.

Tudo isto occorria por meiado setembro do anno 1517.

(Continúa) B. A.



Sé de Moguncia

Pouco abaixo da confluencia do Rheno e do Meno está a cidade de Moguncia (*Mayence* dos francezes e *Mainz* dos allemães). Foi outr'ora capital de um eleitorado ecclesiastico. Cedida á França pelo tratado de paz de 1797, o governo d'este paiz a fez capital do districto *(departement)* de *Mont-Tonerre*.

Vencida a França em 1815, e despojada de todas as suas conquistas, a cidade de Moguncia ficou pertencendo ao grão-ducado de Hesse Darmstad, porém sujeita, sob o ponto de vista militar, á confederação germanica. Na qualidade de praça de guerra da confederação, era guarnecida em tempo de paz por tres mil austriacos e outros tantos prussianos. Em tempo de guerra elevava-se esta guarnição de doze a vinte e um mil soldados.

Na lucta de que foi ultimamente theatro a Allemanha, a cidade de Moguncia foi preservada dos horrores dos combates. Os prussianos evacuaram a praça logo no começo da campanha, e até ao fim d'esta não tentaram empreza alguma contra ella. A sua sorte futura acha-se, pois, dependente do tratado de paz, que se está negociando na cidade de Praga entre os plenipotenciarios da Prussia triumphante e da Austria vencida.

A cidade de Moguncia encerra uns 45:000 habitantes, pela maior parte catholicos. Entre os brazões que mais a nobilitam avulta o titulo glorioso de patria de Guttenberg. O illustre inventor da imprensa nasceu e morreu n'esta cidade, que só no anno de 1837 é que pagou o tributo de gratidão que devia a tão benemerito filho, inaugurando a sua estatua na praça de Guttenberg. Como praça de armas é das mais importantes da Allemanha. Como cidade é das que mostram mais evidentes signaes da sua muita antiguidade na irregularidade da sua planta, na estreiteza e tortuosidade das ruas, na construcção das casas e na architectura dos seus principaes edificios.

O seu primeiro monumento em annos, veneração, riqueza e originalidade de architectura é a sé. A nossa gravura deixa ajuizar com bastante clareza d'esta ultima qualidade da cathedral de Moguncia. As torres e cúpulas que a coroam dão-lhe uma feição muito particular. Interiormente é mais grandiosa que bella, porque em todas as suas partes se vê estampada a singeleza e severidade dos tempos antigos. Porém o estrangeiro que a visita encontra boa compensação d'esse aspecto grave e taciturno do templo, na riqueza e primores de arte das alfaias e vasos sagrados que constituem o seu riquissimo thesouro, e nos sumptuosos mausoléos que se erguem nas naves da egreja. Admiram-se ahi perto de cincoenta tumulos dos principes arcebispos de Moguncia, que contrastam singularmente, pelo luxo da ornamentação, com a simplicidade do templo. Além d'estes monumentos funebres tambem alli repoisam em magnificos mausoléos Frastrada, mulher do imperador Carlos Magno, e S. Bonifacio, que prégou o evangelho na Allemanha.

Esperâmos ter occasião opportuna para tratar com mindeza d'esta cidade tão cheia de recordações historicas.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio